

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 93

Data 19 de abril de 1978 Pg.: _____

Cimi quer defesa do índio latino-americano

ITAICI — “Esperamos que o encontro de Puebla prossiga a caminhada aberta em Medellín, há dez anos, e se volte cada vez mais para os problemas reais do povo e, em particular, desperte para a tragédia dos povos indígenas do Continente, conferindo-lhes a importância devida, nos debates. Mais ainda, se torne ao final do encontro, uma voz a mais na luta desses povos, os mais marginalizados de nossa América.”

A reivindicação é do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e, veiculada em documento destinado a subsidiar a Assembléa Geral da CNBB, sustenta a necessidade de a Igreja estudar e definir posições, na 3.ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em favor de uma pastoral que defenda o índio enquanto minoria étnica ameaçada de extinção.

MASSACRE

Diz o documento que “a história dos povos indígenas deste continente, a partir do final do século XV e início do século XVI, é a longa história de um massacre. Nestes quase cinco séculos de colonização e exploração, os conquistadores espanhóis e portugueses (e seus descendentes) vitimaram milhões de pessoas, destruíram culturas e escravizaram nações inteiras.”

No caso brasileiro, o Cimi lembra que “os portugueses encontraram uma população indígena de aproximadamente 7 milhões de indivíduos em 1500. Hoje, esta população está reduzida a 180, talvez 200 mil índios, isto é, umas 35 vezes menor”. Adverte que “infelizmente este processo de extinção continua ainda.”

O Cimi reconhece que “a Igreja desempenhou um decisivo papel na história da conquista da América.

A Igreja foi instrumento mais eficaz na dominação ideológica com que a colonização portuguesa e espanhola pôde contar” — diz o documento.

Ressalta o documento que, a partir de Medellín, os missionários tomaram consciência da situação de marginalização do índio e da necessidade de resgatá-lo.

A Igreja missionária tem-se colocado a serviço da promoção do indígena, sofrendo até mesmo baixas, como foi o caso do padre Rodolfo Lunkenbein na aldeia de Meruri, Mato Grosso, em julho de 1976, ao lado do bororó Simão, “sacrificados pelo braço do novo colonizador”. Para o Cimi, há, inclusive, “um profundo significado neste fato”.

“O missionário morto está morto ao lado do índio, ao lado do oprimido. E vítima da mesma violência que atingiu o índio durante estes cinco séculos. A morte de Meruri é como a morte de um profeta. Daquêle que abre caminhos. De que vê o futuro para onde caminha a história dos homens. A morte de Meruri é sinal do nascimento de uma nova missão.”

O texto alinha os pontos mais significativos do trabalho missionário. Começa pela defesa da terra do índio, que “constitui elemento integrante da própria evangelização e fundamento de credibilidade. Sem suas terras, não podem os povos indígenas sobreviver nem, tampouco, ser evangelizados.

“O grande e imperdoável equívoco é que, mesmo nós, costumamos ver a terra com olhos capitalistas, na perspectiva da produção e do lucro” — enfatiza o texto.

O Cimi alude às dificuldades e aos reveses impostos como consequência dessa posição, e diz que “não são lisonjeiras as perspectivas em relação ao próximo governo. O candidato já sacramentado à sucessão aponta a produção agrícola como uma prioridade de seu programa. É fácil deduzir o que poderá isto significar para a terra dos índios. O problema da terra se torna agudo e oferece uma inevitável área de atrito diante do rolo compressor do desenvolvimento esquizofrênico no modelo econômico vigente, constituindo a dificuldade mais compacta e profunda para a obra missionária.”

O outro ponto é o respeito à cultura indígena. A evangelização não deve ser de mero proselitismo e os missionários devem preocupar-se, como já ocorre hoje, em fazer com que o índio “recupere a memória do seu passado e reconquiste a própria identidade muitas vezes soterrada (mas não extinta).